

à minha Mãe
Lucy Alvim

às minhas filhas
Karen C. Alvim
Gabriela C.Alvim

NOTA DO AUTOR

Nesse livro, tento escrever, da maneira mais fiel possível, parte da vida de um presidiário num sistema penitenciário japonês; que relato o dia-a-dia, vivido num lugar cheio de histórias, lendas, discriminações e ódio.

Não tento, de forma alguma, sub julgar os tratamentos recebidos, nem tampouco os pensamentos por eles explicitados em seus relatos; apenas tento mostrar o sofrimento e a angústia daqueles que, tentaram vida nova em um país distante e que, por motivos escusos, se embrenharam por caminhos tortuosos e sujos; como drogas, roubos, assassinatos,

etc; fazendo com que passem boa parte de suas vidas, submetidos atrás das grades, sonhando um dia com a liberdade e retornar para seu país Natal; para suas famílias, e serem talvez chamados de gente, ou pelo menos pelo próprio nome.

Amauri Alexandre Alvim

Acordo abalado, é tudo confuso
já não sei que horas são,
eu não tenho as chaves do quarto
essa pessoa me questiona...
porque não tenho mais nome,
tenho que dizer um número ?
Essa comida é muito ruim...
Cadê meu café ? Pergunto eu.
Que roupa estranha; não é a minha.
A televisão não funciona,
por que estão em fila ?
Não sei pra onde vamos
hei, e meu café ? Ninguém responde.
Nesse lugar é tudo tão estranho,
não podemos conversar...
quem é você ? Aonde vai ?
São sérios; nada respondem;
carregam um olhar de tristeza
alguns são jovens, outros velhos

mas todos exalam angústia e solidão.
Caminham como se rumassem ao nada
todos sentenciados, iguais à mim
esperando uma chance, uma oportunidade
para tentar viver, se reaver,
buscando em seu íntimo, forças
para quem sabe, um dia,
ser chamado de gente, ou,
pelo menos, pelo próprio nome...

Tudo parecia ser um dia de sábado normal, apesar da fina garoa que caía sobre a cidade. Parei meu carro no estacionamento da imobiliária que fica ao lado do PUB, pois já estava fechada, era um pouco mais de 8 horas da noite, talvez 8:15, não me lembro bem.

Nas noites de sábado, ir neste PUB já fazia rotina pra mim, entrei no PUB e apenas duas mesas estavam ocupadas, cada uma delas com 3 pessoas; cumprimentei Koga e Ogura, que estavam preparando as bebidas, os coquetéis; Ogura era quem fazia as batidas, algumas ele até acertava. No balcão, estava sentado junto ao computador Matsui, como todas as noites, apenas virou o rosto em minha direção e me disse “alo” e voltou ao que tanto lhe interessava.

Sentei também ao balcão e logo Koga já me trouxe uma cerveja, como sempre “coors” e um pratinho com amendoim, comentou sobre a chuva e disse que talvez seria fraco o movimento, apenas balancei a cabeça concordando.

O som; como era próprio da casa, era estilo jamaicano, ouvia-se Bob Marlen, que fazia parte de 90 % do repertório do PUB.

Chegaram mais duas pessoas, pegaram cervejas e foram jogar dardos, muitos dos clientes do PUB jogavam dardos até quase amanhecer.

Troquei algumas palavras com Ogura e nada mais, fiquei apenas olhando as pessoas à jogarem dardos e prestando atenção à uma das mesas onde haviam 2 homens e 1 mulher, querendo eu, adivinhar quem é que levaria ela pra casa ou coisa assim.

De repente, chega um antigo conhecido meu, que eu não o via ha tempos, aliás, nem sabia que ele freqüentava aquele lugar, pois não me recordava de ter visto brasileiros ali, com exceção dos que eu às vezes levava, e ele também ficou surpreso; nos cumprimentamos, sentou-se ao meu lado, pediu uma cerveja também.

O Ademir era uma pessoa que eu tinha trabalhado algum tempo junto e depois sumiu do mapa, mudou-se de cidade, estado.

- Pôxa, nunca pensei que te encontraria aqui, disse Ademir.

- Nem eu, depois de tanto tempo que a gente não se vê, respondi.

- Costuma vir sempre aqui ? ele pergunta.

- Toda semana dou uma passada, e você ?

- Eu sou a primeira vez, mas parece bom o lugar, o ambiente é legal, não é ?

- Eu gosto, fiz amizade com os donos e sempre que dá certo passo aqui pra jogar conversa fora...

- É bom saber, o que anda fazendo ?

- Além de trabalhar, nada, só isso aqui de vez em quando, e você ? Sumiu daqui, mudou-se pra onde ?

- Fiquei meio fora por uns tempos, umas complicações que apareceram, problemas, mas, quem não os tem ?

- Mas voltou pra cá ou ainda não, está só a passeio ?

- Tô procurando alguma casa, se arrumar fico por aqui, gosto daqui...

- Eu também, não trocaria esse lugar por outro.

Pedimos mais duas cervejas e mais duas, enquanto colocávamos as conversas em dia; ele perguntava de uma ou outra pessoa e eu na medida que podia e lembrava, lhe informava.

Passamos algumas horas assim, naquela conversa, bebendo cerveja e olhando o movimento, que aos poucos foi intensificando, deixando o lugar cheio.

Eu, na conversa, notei que Ademir, quando o assunto era sobre ele, fazia de tudo para mudar; não queria falar de nada, mas com o tempo passando e as cervejas tomadas, enfim, me disse que tinha sido preso, que tivera um pequeno problema que terminou em prisão, cumprira um ano no presídio.

- Mas o que foi, você roubou ? (é o primeiro pensamento que todo mundo tem quando fala de prisão), pois sei que drogas, não é, pois você não usa, ou pelo menos não usava, é isso ? perguntei.

- Não, nem um nem outro, não uso drogas e também sou incapaz de roubar.

- Mas então ...???

- Problemas com brigas...

- Mas você nunca foi de brigar, pelo que sei...

- Tinha enchido a cara e virou alguma confusão, que terminou nisso.

- E agora, ta tudo bem ?

- Passou; mas bem, bem não pode estar com alguém que passou 1 ano preso...

- Deve ser uma coisa ruim, principalmente em outro país que não seja o nosso.

- Se é, nem quero pensar nisso, só eu sei o que passei...

Mas ao mesmo tempo em que me disse isso, percebi que ele queria conversar sobre o assunto, que queria dialogar, desabafar.

As horas passaram rápido até então, já era meia noite, a chuva ainda caía suavemente, fina, em forma de garoa.

Começamos a entrar nesse assunto, mais de curiosidade por minha parte, até que então decidimos sair dali.

- Você está morando onde ? Perguntei.

- Com um amigo, por enquanto, até eu arranjar alguma coisa...

- Vamos pra minha casa então, passamos em uma loja de conveniência e compramos algumas cervejas e alguma coisa pra comer... você está de carro ?

- Não, estou a pé...

- To de carro aí, então vamos acertar a conta aqui e ir...

Acertamos a conta, despedi-me dos dois sócios e partimos.

Entramos numa loja de conveniência perto de meu apartamento, compramos cerveja, queijo, pão, sanduíches e fomos pro meu apartamento.

Depois de entrarmos e colocarmos tudo na geladeira; selecionei algumas músicas no computador, que já estava ligado, sentamos no chão, ao lado da mesinha, baixa, estilo japonês e abrimos um pacotinho de salgadinhos de queijo.

- Então meu amigo; sei que passei um sufoco com tudo isso... diz Ademir.

- Me diz aí, você chegou a ir para o presídio ?

- É, depois que fiquei algum tempo na delegacia, fui para o presídio..

- Deve ser ruim a coisa lá dentro, não ?

- Muito, a comida, os costumes, etc...

- Não ta a fim de contar sobre isso ?

- Você é meu amigo, nos conhecemos ha bastante tempo, te falarei por cima algumas passagens que vi e ouvi; desde quando entrei lá...

- Quando fecharam a porta; eu fiquei mais triste, olhei para os lados, como querendo conhecer a casa nova; minha cela; um cubículo de não muito mais que 3 m2;

tudo, incluindo o banheiro, cozinha, sala, quarto, etc.

- Estava sozinho na cela ?

- Sim, somente eu.

Eu não sabia o que pensar naquele momento; ao fundo, uma grande janela, da qual me aproximei e vi uma triste paisagem, estava frio, era inverno; as árvores estavam secas, sem folhas nem flores, a vegetação era nula; nada embelezava aquela monótona área daquele lugar.

Sentei e fiquei a olhar nos detalhes; além de uma pequena mesa, que servia como escrivaninha; de madeira; havia também uma pequena estante onde em cima estava colocada a televisão; além disso, cobertores, lençóis, copo, uma garrafa térmica, bacia, balde, vassoura e alguns pedaços de pano que talvez serviria para limpeza.

Dos meus pertences, trazia apenas um caderno, um livro, um dicionário, lápis, caneta, borracha, escova de dente e mais nada; nem as roupas eram minhas, usava roupas emprestadas, ou seja uniforme, enquanto estivesse naquele recanto infeliz.

Depois de um dia completo de atividades, a respeito de comportamento

dentro daquele estabelecimento, inclusive sobre regras internas, tanto para os momentos de descanso como trabalho; alguns ajustes em roupas, etc, é que eu fui para a cela.

- Mas lá todos trabalhavam ?

Interrompi a conversa.

- Sim, a não ser que esteja doente ou seja paralítico ou coisa assim.

- Desculpa, prossiga...

Como estava dizendo, só entrei na cela por volta das cinco da tarde, e em seguida já foi servido o jantar, que, não me surpreendeu muito, nem com o horário nem com a comida, pois, como já lhe disse, fiquei algum tempo na delegacia; e lá os costumes e regras são parecidos, inclusive a comida.

A comida lá, era entregue através da janela frontal, pelos próprios presos, com a supervisão de um policial. Havia uma tigela grande e outra pequena e uma bandeja com três repartições, e o arroz; que é o básico da comida, fornecido em um outro recipiente; que depois de vazio, retorna para

a cozinha, o restante eu mesmo tinha que lavar...

Eu sempre comia aquela comida, nem tudo, tinha dia que era insuportável, comia arroz somente.

Depois de ter lavado a louça, fiquei sentado por algum tempo, quase que imóvel, ainda não acreditava em tudo aquilo que estava acontecendo, toda aquela mudança em minha vida.

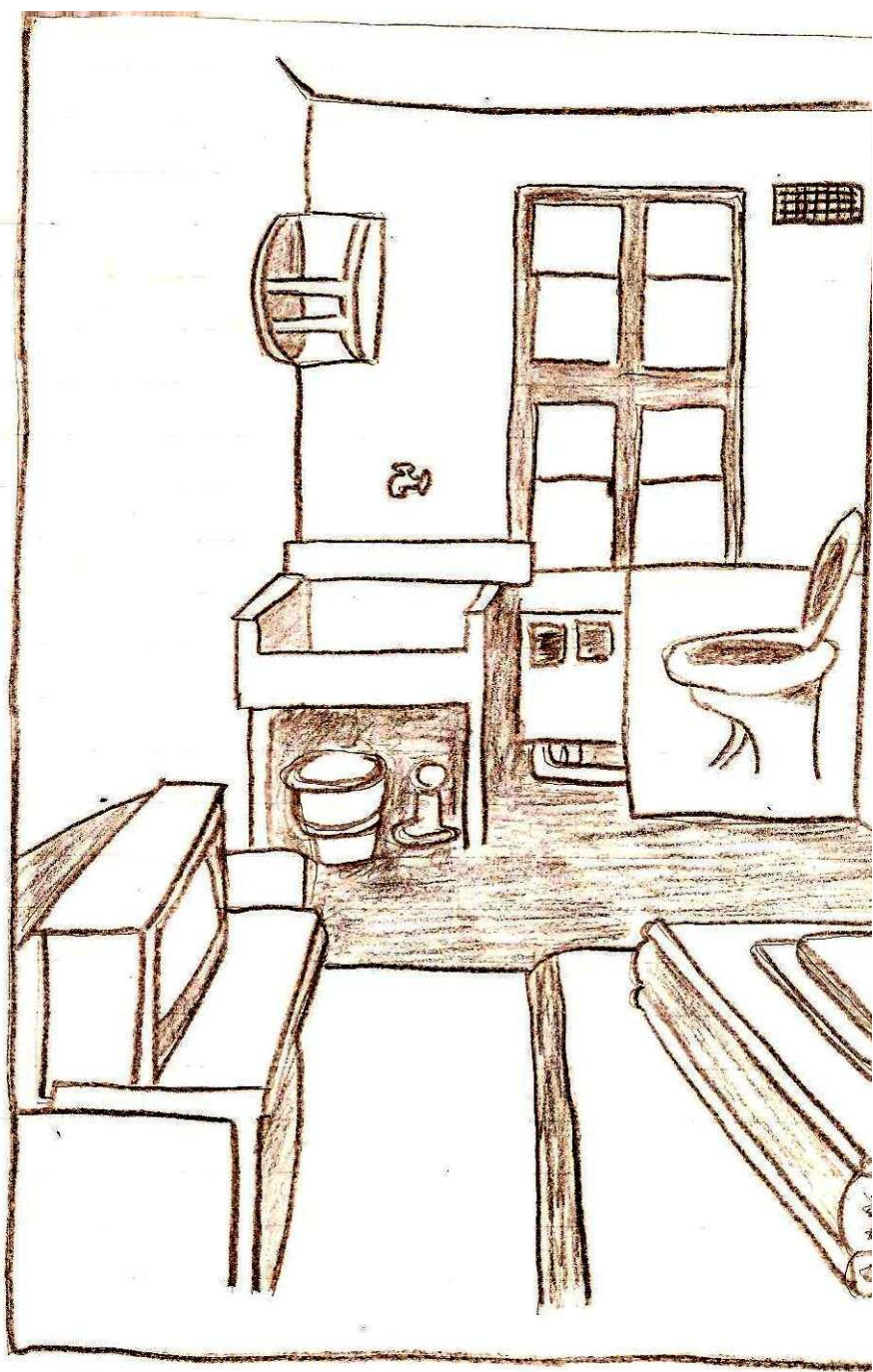
Comecei a pensar, com tristeza em meu passado, recente, eu trabalhava, tinha uma vida normal; não entrava em minha cabeça que eu era um presidiário.

Fiquei revoltado com tudo, com gestos, atitudes, julgamentos; nada me fazia esquecer aqueles momentos que iniciavam naquele instante, uma fase nova em minha vida, uma fase horrível; mas que infelizmente, não tinha como evitá-la; e agora, o que haveria de fazer; não tinha nada que pudesse fazer, a não ser tentar me acalmar e cumprir ordens e ordens dentro daquele lugar; e como me disseram ao entrar; para me comportar o melhor possível para que, esse comportamento sirva de argumento para a redução de minha pena; do mais, não era possível fazer nada, nada.

Quando dava 7 horas a televisão era ligada, conforme regras internas, ficava ligada até a hora de apagarem as luzes para dormirmos, ou seja às 9 horas.

Naquele dia, tentei me distrair, mas era difícil; principalmente quando me vinha à mente que daquele dia em diante passaria ali os meus dias e noites, longe de tudo, longe de todos; naquele cubículo, onde mal poderia se esticar; onde as luzes não se apagavam, onde as janelas eram muitas, onde se é vigiado, onde o arrependimento me esperava.

Lembrei-me então de meu apartamento, limpo, bonito, tudo arrumado, a tv o computador, a mesa para 2 pessoas, a cozinha, o banheiro, a banheira, o tapete que tanto gostava, branquinho, fofo; era uma delícia passar horas ali deitadas a ouvir música ou assistindo televisão. Já não tinha nada disso, apenas aquele lugar sujo, com algumas cobertas fedidas, um vaso sanitário e uma pia, passariam a ser meus companheiros, tentei não pensar nisso, tentei dormir; não conseguia, lembrei mais uma vez meu passado, comecei a chorar...



Nessa hora, olhando para Ademir, senti a mesma tristeza que talvez tenha sentido naquele momento...

Quando amanheceu; lá fora ainda um pouco escuro, era 6 e meia, como regra, ah... as regras; eram muitas, e tinham que ser obedecidas à risca, a hora de deitar, a hora de levantar, o que arrumar, tudo, tudo tinha que ser nos mínimos detalhes das regras; a posição de sentar, deitar, os cobertores, lençóis, tudo, tudo era fiscalizado.

Logo de manhã, arrumava os cobertores, lençóis, varria a cela, lavava-se o rosto, etc; trocava de roupa, colocávamos a roupa para ir trabalhar e aguardávamos, sentados, a hora da revista e contagem; tudo muito rápido, cerca de 10 minutos tem que estar tudo pronto e arrumado; então passam os policiais a fazer a contagem e a inspeção, olhando se estava tudo arrumado.

Logo após vem o almoço ou café da manhã; também é rápido, principalmente para quem não está acostumado, ainda mais no 1º. Dia. Em seguida, lava-se a louça, escova os dentes e espera o sinal para sair do cubículo. Sob os gritos de ordem, já estava fora, no corredor e em fila, com mais

peessoas, meus vizinhos, aproximadamente uns 50.

Marchávamos até a “fábrica”, ou lugar onde se trabalha; sempre sob os olhares dos policiais, vigiando cada passo, cada gesto. Entrávamos, trocávamos de roupa, novamente, que é para facilitar a inspeção, e novamente a recontagem, em fila; observei que havia 130 pessoas.

Caminhamos com um supervisor, para nos mostrar os detalhes; onde comer, banheiro, local do trabalho, o que pode fazer, observava sempre os detalhes, as pessoas, todas trabalhando, de cabeça baixa, sem conversarem; era expressamente proibido conversar, com castigo para os faladores. Consegui ver o nome de um, que parecia ser estrangeiro, e era, Alberto; já pensei que pelo menos haveria alguma facilidade, uma dica, etc, vendo um conterrâneo, ou pelo menos alguém que fala o mesmo idioma. Andei com o encarregado que explicava tudo, estava ali há 2 anos, também era prisioneiro, mas tinha algumas regalias e por isso podia se movimentar ali dentro e preparava as pessoas novas na fábrica; mas também me

disse que daí a um mês, sairia, terminava sua pena, para felicidade dele.

Nas minhas andanças, vi também em um painel ao lado do policial, que ficava em um balcão, acima do solo, bem ao centro da fábrica, que era para vigiar melhor o pessoal, ficavam em 2, um ficava a andar e o outro no balcão, a despachar; ao lado, mais 2 balcões laterais, em baixo, onde ficavam também os auxiliares, prisioneiros com algum tempo de pena; pelo que vi, à 1ª. olhada, havia um de 2, outro de 3 e outro de 5 anos cumpridos, todos, com tarjas na camisa, no braço direito discriminando o tempo e o grau que pertence, vi então, mais um nome, em português; Márcio; então, já contei que tinha 2 brasileiros.

Depois de andanças e explicações, fui levado para o meu lugar de trabalho, sentei-me, explicaram o serviço e ali fiquei, a trabalhar, e de vez em quando a dar uma olhada aqui e ali; para me familiarizar-me com o local, pois para mim, tudo era novidade; as coisas, os materiais, as pessoas, os encarregados, o serviço, os métodos, tudo, e então, não deixava de notar cada gesto de cada um, principalmente dos

policiais, que também, de vez em quando, um ou outro diferente entrava na fábrica, para trazer algum documento e ou buscar algum indivíduo para visita e ou outro motivo qualquer.

Apesar de estar sentado num local ruim, de costa para o corredor principal, de onde, pouco se via a movimentação; e além de que, é proibido conversar e olhar dos lados, inclusive, meu parceiro de trabalho, sentados junto à mesma mesa; à meu lado, não despendia nenhuma palavra em minha direção, achei que aquilo era um martírio profundo.

Depois de algum tempo, deram um aviso, um sinal, tudo era falado num microfone, para todos ouvirem, meio gritado, como tudo ali dentro; que era horário de intervalo, era 10 da manhã, todos em pé, em fila; indo ao banheiro e a pia, para lavar as mãos, beber água, etc; em seguida, voltar para os devidos lugares.

Fui, voltei, recomecei a trabalhar, daí a pouco outro sinal, era enfim o intervalo, descanso; 5 minutos, nessa hora pode-se conversar; e então, a pessoa ao lado, se apresentou, disse o nome e falou que não disse nada antes por ser proibido; começou

a conversar com o outro da frente, enquanto o de traz me perguntava coisas, era um chinês; e ao meu lado um japonês; os estrangeiros sempre sentavam intercalados, inclusive, havia um cartaz e de vez em quando falavam, que; estrangeiros não podem sentar com outro estrangeiro, e nem na hora da fila, não podem ficar lado a lado.

Passados os 5 minutos, de volta para o trabalho, até meio dia; que enfim era o horário do almoço; todos em fila; contagem, depois seguimos para o refeitório que era na parte de cima, uma espécie de mezanino. Muito rápido comíamos; também não podia conversar; terminada a refeição, uns 15 minutos aproximadamente, havia então um tempinho para pedidos; qualquer coisa que necessitasse; eu precisava de sabonete, foi então que entrei na fila para fazer o requerimento e veio um estrangeiro até mim e me perguntou se eu era brasileiro; eu disse que sim, ele falou que havia mais alguns e apontou o dedo para os que estavam por perto; então pelo sotaque; perguntei se ele era peruano, e disse que sim, perguntou-me o que eu queria; disse-lhe e ele me ensinou o que fazer.

Terminada a hora, ou seja, os minutos que tínhamos para fazer os pedidos; novamente descíamos, e em fila, a recontagem, e assim, de volta para o trabalho.

- Trabalhavam de sábado e domingo também ? Interrompi Ademir.

- Não, apenas até sexta-feira.

Os dias era essa rotina, tudo igual.

Trabalhávamos até as 4 da tarde, e depois, regressávamos para a cela; sempre em fila, sempre vigiados.

Dia sim, dia não, havia banho; então, o trabalho era encerrado mais cedo e em grupos de 3, a média de 40 pessoas cada; íamos para o local; lá tínhamos 15 minutos para entrarmos, tomarmos banho, fazermos a barba e sairmos. Era corrido; o local; um prédio antigo com cara de sauna velha, com armários pequenos na ante-sala, acarpetada, onde colocávamos nossas roupas e daí, sem roupa, somente com sabonete, toalha e xampu; entrávamos nessa outra sala, de banho, onde havia 3 furôs, para ali passarmos míseros minutos, cronometrados, pois outra turma já esperava na sala ao lado para entrar.

Em dias alternados ao banho, também tínhamos 40 minutos para fazer exercícios, tomar sol, caminhar, enfim, tempo livre para recreação, que é como diziam lá, então, parávamos o trabalho, sob a ordem do encarregado; era feita a contagem e partíamos para o local, fora da fábrica, onde havia uma pista de atletismo de terra e um campo gramado, de baseball, e ali então ficávamos a descontraírmolos.

Eu, ficava a caminhar pela pista, enquanto alguns corriam, outros jogavam bola, liam jornais ou apenas ficavam ao sol, quando tinha.

Foi assim, que aos poucos, comecei a conhecer o pessoal, os outros estrangeiros; conheci Edson, uns 30 anos, que tinha caído por roubo e drogas; já estava ali ha 2 anos, sua pena era de 5 anos; conheci, ou seja, finalmente falei com Alberto, aproximadamente uns 23 anos, também por roubo, estava preso a uns 3 meses somente e sua pena era de 2 anos e meio, pessoa que, pela voz e pela aparência, tive quase certeza que conhecia ou tinha visto em algum lugar; mas pelo que conversamos, ele morava longe de mim; e também conheci Fernando, uns 32 anos,